

SEF – Sociedade Espírita Fraternidade
Estudo Teórico-prático da Doutrina Espírita

Unidade 28

TEMA : Das leis Morais - Da lei do Trabalho: Introdução. Necessidade do Trabalho, O Trabalho nos Mundos mais aperfeiçoados. O Trabalho e os Animais. O Trabalho e o Estudo. Limite do Trabalho e do Repouso.

☞ **Introdução:**

Ao analisarmos o Antigo e o Novo Testamento, encontramos 152 vezes a palavra trabalho. Porém, é no Evangelho de João, capítulo V, versículos 1 à 17, que encontramos a inesquecível passagem em que Jesus curando o paralítico do tanque de Betesda, menciona que ele e o Pai trabalham até hoje.

O Sinal em Betesda.

“Depois disto, havia uma festa entre os judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Ora em Jerusalém há, próximo à porta das ovelhas, um tanque, chamado em hebreu de Betesda, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia grande multidão de enfermos: cegos, mancos e ressecados, esperando o movimento das águas. Porquanto um anjo descia, em certo tempo, ao tanque, e agitava a água; e o primeiro que ali descesse, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse. E estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo. E Jesus, vendo este deitado, e sabendo que estava neste estado, havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me coloque no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. Jesus disse-lhe: Levanta-te e toma a tua cama, e anda. Logo aquele homem ficou são, e tomou a sua cama, e partiu. E aquele dia era Sábado.”

O discurso provocado pelo milagre.

“Então os judeus disseram àquele que tinha sido curado: É Sábado, não te é lícito levar a cama. Ele respondeu-lhes: Aquele que me curou, ele próprio disse: Toma a tua cama, e anda. Perguntaram-lhe, pois: Quem é o homem que te disse: Toma a tua cama, e anda? E o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, em razão de, naquele lugar, haver grande multidão. Depois, Jesus encontrou-o no Templo, e disse-lhe: Eis que já estás são; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior. E aquele homem foi, e anunciou aos judeus que Jesus era o que o curara. E, por esta causa, os judeus perseguiram a Jesus, e procuravam matá-lo, porque fazia estas coisa no sábado. E Jesus lhes respondeu: **Meus Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.**”



Nos ensina Emmanuel, no Livro “Caminho, Verdade e Vida, que em todos os recantos, observamos criaturas queixosas e insatisfeitas.

Quase todas pedem socorro. Raras amam o esforço que lhes foi conferido. A maioria revolta-se contra o gênero de seu trabalho.

Os que varrem as ruas querem ser comerciantes; os trabalhadores do campo prefeririam a existência na cidade.

O problema, contudo, não é de gênero de tarefa, mas o de compreensão da oportunidade recebida.

De modo geral, as queixas, nesse sentido, são filhas da preguiça inconsciente. É o desejo ingênito de conservar o que é inútil e ruinoso, das quedas no pretérito obscuro.

Mas Jesus veio arrancar-nos da “morte no erro”. Trouxe-nos a bênção do trabalho, que é o movimento incessante da vida.

Para que saibamos honrar nosso esforço, referiu-se ao Pai que não cessa de servir em sua obra eterna de amor e sabedoria e à sua tarefa própria, cheia de imperecível dedicação à humanidade. Quando te sentires cansado, lembra-te de que Jesus está trabalhando. Começamos ontem nosso humilde labor e o Mestre se esforça por nós, desde quando?

Necessidade do Trabalho –

Segundo Joanna de Ângelis, no seu Livro “Estudos Espíritos”, psicografado por Divaldo Pereira Franco, no capítulo referente ao Trabalho, pode ser definido genericamente o vocábulo trabalho, como “a ocupação em alguma obra ou ministério; exercício material ou intelectual para fazer ou conseguir alguma coisa.”

Prossegue a autora espiritual ensinando que “o trabalho, porém é lei da Natureza mediante a qual o homem forja (fabrica) o próprio progresso desenvolvendo as possibilidades do meio ambiente em que se situa, ampliando os recursos de preservação da vida, por meio da satisfação das suas necessidades imediatas na comunidade social onde vive.”

Encontramos em “O Livro dos Espíritos”, na Parte Terceira, no capítulo terceiro, que trata especificamente da Lei do Trabalho, dentro do subtítulo a “Necessidade do Trabalho”, na questão 674, a indagação se é o trabalho lei da Natureza, a que a espiritualidade responde:

“O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos.”

Rodolfo Calligaris, no seu livro “As Leis Morais”, colaborando no sentido de melhor detalhar esta resposta, ensina que o trabalho é uma lei da natureza a que ninguém se pode esquivar, sem prejudicar-se pois é por meio dele que o homem desenvolve sua inteligência e aperfeiçoa suas faculdades.

Segundo ainda o autor, o trabalho honesto proporciona três realizações que todas as pessoas buscam:

- 1) – o trabalho fortalece o sentimento de dignidade pessoal;
- 2) – o trabalho torna a pessoa respeitada na comunidade em que vive;
- 3) – o trabalho, quando bem realizado, contribui para a sensação de segurança.

Para que o homem tenha êxito no trabalho, e como tal deve entender-se não necessariamente o ganho de muito dinheiro, mas uma constante satisfação íntima, faz-se mister que cada qual se dedique a um tipo de atividade de acordo com suas aptidões e preferências, sem se deixar influenciar pela vitória de outrem nesta ou naquela carreira, porquanto cada arte, ofício ou profissão exige determinadas qualidades que nem todos possuem.

Quem não consiga uma ocupação condizente com o que desejaria, deve, para não ser infeliz, adaptar-se ao trabalho que lhe tenha sido dado, esforçando-se por fazê-lo cada vez melhor, mesmo que seja extremamente fácil. Isso ajudará a gostar dele. Quando se trate de algo automatizado que não permita qualquer mudança, como acontece em muitas fábricas modernas, o remédio é compenetrar-se de que sua função na empresa também é importante, assumindo a atitude daquele modesto operário cujo serviço era quebrar pedras e que, interrogado sobre o que fazia, respondeu com entusiasmo: “estou ajudando a construir uma catedral”.

Importa, igualmente, se adquira a convicção de que embora apenas alguns poucos possam ser professores, médicos, engenheiros, advogados ou administradores, todos, indistintamente, desde que desenvolvam um trabalho prestado, estão dando o melhor de si, concorrendo, assim, para o progresso e o bem-estar social, como lhes compete.

De outro lado, pelo fato de ser uma lei natural, o trabalho deve ser assegurado a todos os homens válidos que o solicitem, para que, em contrapartida, lhes seja exigido que provejam às necessidades próprias e da família, sem precisar pedir nem aceitar esmolas.

O desemprego, e conseqüentemente a fome, a nudez, o desabrigo, a enfermidade, a prostituição, o crime, etc., constituem provas de que a sociedade se acha mal organizada, carecendo de reformas radicais que melhor atendam à Justiça Social.

Como acertadamente disse Constâncio C. Vigil, “constitui dolorosa anomalia deixar-se o ser humano em situação de não poder defender-se da miséria, até delinqüir ou morrer. O desempregado tem direito à vida. Por conseguinte, o Estado só pode castigá-lo pelo roubo se lhe proporciona meios para assegurar a subsistência através do trabalho.”

Por outro lado, os que supõem seja o trabalho apenas um “ganha pão” sem outra finalidade que não a de facultar os meios necessários à existência, laboram em erro. Se o fosse, então todos aqueles que possuíssem tais meios, em abundância, poderiam julgar-se desobrigados de trabalhar.

Em verdade, porém, a lei de trabalho não isenta ninguém da obrigação de ser útil. Ao contrário. Quando Deus nos favorece, de maneira que possamos alimentar-nos sem verter o suor do próprio rosto, evidentemente não é para que nos entreguemos ao hedonismo, mas para que movimentemos, na prática do Bem, os “talentos” que nos haja confiado.

Isso constitui uma forma de trabalho que engrandece e enobrece nossa alma, tornando-a rica daqueles tesouros que “a ferrugem e a traça não corroem, nem os ladrões podem roubar”

Joanna de Ângelis, na mesma obra citada acima, traça um paralelo muito interessante entre o trabalho remunerado e o que ela chama de “trabalho-abnegação”:

“... Mediante o trabalho remunerado o homem modifica o meio, transforma o habitat (lugar ou meio onde vive qualquer ser organizado), cria condições de conforto. “

“Através do trabalho-abnegação, do qual não decorre troca nem permuta de remuneração, ele se modifica a si mesmo, crescendo no sentido moral e espiritual. “

“Utilizando-se do primeiro recurso conquista simpatia e respeito, gratidão e amizade. Através da autodoação consegue superar-se, revelando-se instrumento da Misericórdia Divina na construção da felicidade para todos.”

A espiritualidade maior, confirma na questão 676, que o trabalho é imposto ao homem, por ser uma consequência da sua natureza corpórea, e também um meio de aperfeiçoamento de sua inteligência. Sem o trabalho o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho.

Desta forma, há o esclarecimento inequívoco de que **toda ocupação útil é trabalho**, seja ela material, intelectual, espiritual, etc.

Mais uma vez o entendimento claro e preciso de Joanna de Ângelis vem ao nosso encontro ao dizer-nos que:

“O trabalho, no entanto, não se restringe apenas ao esforço de ordem material, física, mas, também, intelectual pelo labor desenvolvido, objetivando as manifestações da Cultura, do Conhecimento, da Arte, da Ciência.”

↳ **O Trabalho nos mundos mais aperfeiçoados:**

A questão 678 de “O Livro dos Espíritos” é bastante esclarecedora com relação a este aspecto. É indagado à espiritualidade:

“Em os mundos mais aperfeiçoados, os homens se acham submetidos à mesma necessidade de trabalhar? Ao que eles respondem: A natureza do trabalho está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho. Mas, não deduzais daí que o homem se conserve inativo e inútil. A ociosidade seria um suplício, em vez de ser um benefício.”

Complementando o entendimento, o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, no seu capítulo III – Há muitas Moradas na Casa de meu Pai, elucida:

Nos mundos primitivos os seus habitantes são mais rudimentares. “...a força bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos.”

“Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimo diversas das da vida na Terra...”

“Entretanto, os mundos felizes não são orbes (esferas, globos, planetas) privilegiados, visto que Deus não é parcial para qualquer de seus filhos; ... a todos são acessíveis as mais altas categorias: apenas lhes cumpre a eles conquistá-las pelo seu trabalho, alcançá-las mais depressa, ou permanecer inativos por séculos de séculos no lodaçal na Humanidade”.

Mais uma vez Joanna de Ângelis, agora no livro “Leis Morais da Vida”, psicografado por Divaldo Pereira Franco, no capítulo “A benção do trabalho” nos ensina que “o trabalho é, ao lado da oração, o mais eficiente antídoto contra o mal, porquanto conquista valores incalculáveis com que o espírito corrige as imperfeições e disciplina a vontade.”

“O momento perigoso para o cristão decidido é o do ócio (desocupação, folga do trabalho), não o do sofrimento nem o da luta áspera.

“Na ociosidade surge e cresce o mal. Na dor e na tarefa fulguram a luz da oração e a chama da fé.”

E, reportando-nos mais uma vez, ao livro “Leis Morais de Vida”, encontramos as mensagens incentivadoras da autora espiritual:

“Não te escuses à glória de trabalhar pelo progresso de todos, do que resultará a tua própria evolução...”

“O trabalho de boa procedência em qualquer direção produz felicidade e paz.”

“Produz pela alegria de ser útil e ativo, içando (erguendo, levantando) o coração a Jesus, que sem desfalecimento trabalha por todos nós, como o Pai Celeste que até hoje também trabalha.”

↳ **O Trabalho e os Animais: -**

A questão 677 de “O Livro dos Espíritos” esclarece totalmente a questão.

Questão 677 - Por que provê a Natureza, por si mesma, a todas as necessidades dos animais?

Resposta - "Tudo em a Natureza trabalha. Como tu, trabalham os animais, mas o trabalho deles, de acordo com a inteligência de que dispõem, se limita a cuidarem da própria conservação. Daí vem que o do homem visa duplo fim: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais se cifra (se baseia) no cuidarem da própria conservação, refiro-me ao objetivo com que trabalham. Entretanto, provendo às suas necessidades materiais, eles se constituem, inconscientemente, executores dos desígnios do Criador e, assim, o trabalho que executam também concorre para a realização do objetivo final da Natureza, se bem quase nunca lhe descubrais o resultado imediato."

↳ O Trabalho e o Estudo: –

A Espiritualidade Superior vem insistindo, através de consecutivas mensagens, pela necessidade do estudo e do trabalho nas fileiras renovadoras do Espiritismo.

Amor e instrução têm sido, em verdade, a palavra de ordem dos Mensageiros do Cristo.

Os trabalhadores encarnados, identificando-se com o pensamento e a orientação dos que acompanham, de Mais Alto, a surpreendente e irresistível marcha da Doutrina, sentem-se, naturalmente, no dever de secundá-los na recomendação.

Aliás, não é de agora que os Espíritos exortam os homens ao estudo, à instrução, à cultura - cultura no entanto, que não envaideça o homem, mas o torne humilde, sinceramente humilde.

O Amor é o Trabalho, a Ação, o Serviço.

A instrução é a leitura, o Estudo, o Conhecimento.

Amor e instrução constituem, por conseguinte, duas alavancas, duas ferramentas que devem estar, noite e dia, nas mãos dos Espíritos.

Estudo sem amor constitui, quase sempre, experiência simplesmente intelectual, podendo levar à presunção e à vaidade, ameaçando o aprendiz de queda ou fracasso.

É que, via de regra, consoante adverte Paulo de Tarso, "o saber ensoberbece, mas o amor edifica".

Emmanuel, falando-nos ao coração, exorta, também: "Recorda que em Doutrina Espírita, é preciso estudar e aprender, entender e aplicar".

Trabalho e Instrução - a fim de que o equilíbrio seja uma constante na vida do aprendiz e na expansão doutrinária.

Devemos, por isso mesmo, também perguntar:

- Que rumo tomaria o nosso abençoado movimento, se, apenas estudando, olvidássemos os necessitados do caminho?

Aonde iríamos parar, apenas manuseando livros e devorando mensagens, se nos alheássemos da fome do pobrezinho, da nudez do órfão, da dificuldade da viúva, da solidão do encarcerado, do desespero do enfermo incurável?

Que seria do Espiritismo - Consolador Prometido por Jesus - se, estimulando a cultura, lastimavelmente esquecêssemos a sublime legenda adotada pelo insigne Missionário lionês: Trabalho, Solidariedade e Tolerância ?

Há, portanto, como se observa, uma dupla, inseparável e indissolúvel necessidade: Amor e Instrução.

Não poderia, evidentemente, enganar-se o Espírito de Verdade:

"Venho, como outrora, aos transviados filhos de Israel, trazer a Verdade e dissipar as trevas. Escutai-me" - ao preceitar, nos primórdios do Espiritismo, o imperativo do Amor e da Sabedoria.

"Espíritas! Amai-vos; este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo."

👉 O Limite do trabalho: –

Assim como o trabalho é imprescindível para o desenvolvimento da inteligência, para a evolução das pessoas, da mesma forma também o é, o repouso. E como nos ensina a questão 682, de “O Livro dos Espíritos”, ele também está dentro das Leis da Natureza.

Questão 682 - Sendo uma necessidade para todo aquele que trabalha, o repouso não é também uma lei da Natureza?

Resposta - "Sem dúvida. O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria."

Na questão 683, indagou-se à espiritualidade: - qual é o limite do trabalho? “O limite do trabalho é o das forças. Em suma, a esse respeito Deus deixa inteiramente livre o homem.”

Sendo o trabalho uma lei natural, o repouso é conseqüente conquista a que o homem faz jus, para num primeiro momento refazer as forças do corpo, e, na seqüência, para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria. Enquanto o corpo descansa, os laços que o prendem ao Espírito se afrouxam, e este, com mais liberdade devido à emancipação, pode participar mais diretamente da vida espiritual.

Cabe neste momento a importantíssima observação de que, durante o tempo normal de trabalho, devem ser observados os períodos justos do repouso, estejam estes compreendidos na mesma jornada, ou entre uma e outra, ou através dos períodos anuais de férias.

Hoje, mais do que nunca, isto é importante, porque a vida urbana se caracteriza por uma agitação contínua, sendo despendido um gasto excessivo de energias físicas e mentais.

Cuidemos pois de evitar a exaustão e a estafa, antes que esses males nos conduzam à neurastenia ou ao esgotamento nervoso.

Por outro lado, ressalvadas as anteriores observações, quando a espiritualidade menciona que o limite do trabalho é o “das forças”, isto nos deixa claro que, sendo, como é, fonte de equilíbrio físico e moral, o trabalho deve ser exercido por tanto tempo quanto nos mantenhemos válidos.

Abalizados psiquiatras e psicanalistas afirmam, com exato conhecimento de causa, que “todos os seres humanos precisam encontrar alguma coisa que possam fazer”, pois “ninguém consegue ser feliz sem que se sinta útil ou necessário a alguém”.

Frank C. Cáprio, em sua obra “Ajuda-te pela Psiquiatria”, chega a dizer: “Tal como o amor, o trabalho é medicinal. Alivia os males da alma”.

Isto posto, se formos homens de negócios, ao invés de os interrompermos bruscamente, convém que, ao atingirmos certa idade, diminuamos o ritmo de nossas preocupações ou o peso de nossas responsabilidades, repartindo-as gradativamente com nossos auxiliares ou com aqueles que devam suceder-nos, adquirindo, ao mesmo tempo, algum outro interesse que mantenha ocupado o nosso intelecto.

Se assalariados, que encontremos, ao aposentar-nos, uma ocupação leve, porém proveitosa, com que preencher saudavelmente nossa vida.

Jamais, em hipótese alguma, condenar-nos à completa ociosidade, a pior coisa que pode acontecer a alguém.

Benjamim Franklin tinha 81 anos quando foi chamado a colaborar na elaboração da Carta Magna dos Estados Unidos.

Tomas Alva Edison, tendo começado a trabalhar quando era ainda uma criança, manteve-se operoso durante cerca de 75 anos, sem nunca ter estado doente. Morreu aos 84, deixando patenteadas mais de mil invenções.

Michelangelo (Michelangelo Buonarroti), escultor, pintor, arquiteto e poeta italiano – 1475/1564. Dentro de seu genial trabalho, podem ser destacadas as obras: o afresco Juízo Final da Capela Sistina; a Pietá, magnífica escultura da catedral de Florença; a Pietá Rondanini do Castelo Sforzesco de Milão; construiu a capela Médici, em que ergueu os túmulos de Lourenço II e de Giuliano de Médici com quatro alegorias – A Noite e O dia, O crepúsculo e A aurora. Aos 89 anos ainda continuava produzindo obras de arte.

O **Marechal Cândido Rondon**, notabilíssimo sertanista brasileiro e um dos grandes benfeitores da Humanidade, falecido em 1958, aos 92 anos de idade, trabalhou intensamente até a decrepitude, malgrado a rudeza do meio em que passou a quase totalidade de sua fecunda existência.

Rockefeller, ao completar 90 anos, declarou: - “Sou o homem mais feliz do mundo. Parece-me começar o viver agora. Sou feliz porque posso trabalhar. Os dias não são suficientemente longos para que eu possa fazer tudo o que desejo. Indubitavelmente, o trabalho é o segredo da felicidade.”

Cora Coralina (Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas), escritora brasileira, nascida em Goiás Velho em 1889, desencarnando em Goiânia em 1985, com 96 anos de idade. Tendo apenas instrução primária e sendo doceira de profissão, notabilizou-se por sua poesia ingênua. Publicou: Becos de Goiás (1977 – com 88 anos); e Vinténs de cobre: meias confissões de Aninha (1983 – com 94 anos). Nesse ano, recebeu o Troféu Juca Pato, da união Brasileira de Escritores, que a elegeu a Intelectual do Ano.

Nosso maior exemplo, no entanto, encontramos em **FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER**, nascido em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, em 2 de abril de 1910. Vive, desde 1959, em Uberaba, no mesmo Estado.

Depoimento de Chico Xavier: "(...) Deus nos permita a satisfação de continuar sempre trabalhando na Grande Causa d'Ele, Nosso Senhor e Mestre.”

A Palavra de Chico Xavier ao completar Quarenta Anos De Mediunidade (1967) -

"Estes quarenta anos de mediunidade passaram para o meu coração como se fossem um sonho bom. Foram quarenta anos de muita alegria, em cujos caminhos, feitos de minutos e de horas, de dias, só encontrei benefícios, felicidades, esperanças, otimismo, encorajamento da parte de todos aqueles que o Senhor me concedeu, dos familiares, irmãos, amigos e companheiros. Quarenta anos de felicidade que agradeço a Deus em vossos corações, porque sinto que Deus me concedeu nos vossos corações, que representam outros muitos corações que estão ausentes de nós. Agora, sinto que Deus me concedeu por vosso intermédio uma vida tocada de alegrias e bênçãos, como eu não poderia receber em nenhum outro setor de trabalho na Humanidade. Beijo-vos, assim, as mãos, os corações. Quanto ao livro, devo dizer que, certa feita, há muitos anos, procurando o contato com o Espírito de nosso benfeitor Emmanuel, ao pé de uma velha represa, na terra que me deu berço na presente encarnação, muitas vezes chegava ao sítio, pela manhã, antes do amanhecer. E quando o dia vinha de novo, fosse com sol, fosse com chuva, lá estava, não muito longe de mim, um pequeno charco. Esse charco, pouco a pouco se encheu de flores, pela misericórdia de Deus, naturalmente. E muitas almas boas, corações queridos, que passavam pelo mesmo caminho em que nós orávamos, colhiam essas flores, e as levavam consigo com transporte de alegria e encantamento. Enquanto que o charco era sempre o mesmo charco. Naturalmente, esperando também pela misericórdia de Deus, para se transformar em terra proveitosa e mais útil. Creio que nesses momentos, em que ouço as palavras desses corações maravilhosos, que usaram o verbo para comentar o aparecimento desses cem livros, agora cento e dois livros, lembro este quadro que nunca me saiu da memória, para declarar-vos que me sinto na condição do charco que, pela misericórdia de Deus, um dia recebeu essas flores que são os livros, e que pertencem muito mais a vós outros do que a

mim. Rogo, assim, a todos os companheiros, que me ajudem através da oração, para que a luta natural da vida possa drenar a terra pantanosa que ainda sou, na intimidade do meu coração, para que eu possa um dia servir a Deus, de conformidade com os deveres que a Sua infinita misericórdia me traçou. E peço, então, permissão, em sinal de agradecimento, já que não tenho palavras para exprimir a minha gratidão. Peço-vos, a todos, licença para encerrar a minha palavra despretensiosa, com a oração que Nosso Senhor Jesus Cristo nos legou."

Em 1997, Chico Xavier completou 70 anos de incessante atividade mediúnica, da maior significação espiritual, em prol da Humanidade, abrangendo seus mais diversos segmentos. Até essa data, outubro de 1997, Francisco Cândido Xavier havia psicografado mais de 400 (quatrocentas) obras mediúnicas, de centenas de autores espirituais, abarcando os mais diversos e diferentes assuntos, entre poesias, romances, contos, crônicas, história geral e do Brasil, ciência, religião, filosofia, literatura infantil, etc. Problemas orgânicos acompanharam-lhe a mocidade e a madureza.

Hoje, nos seus abençoados 90 anos de sua vida corporal e 73 de atividades mediúnicas, as dificuldades físicas continuam trazendo-lhe problemas. Releva observar que as doenças oculares e as intervenções cirúrgicas jamais o impediram de cumprir, fiel e dignamente, sua missão de amparo aos necessitados. Sua postura é uma só, obedece a uma só diretriz: amor ao próximo, desinteresse ante os bens materiais, preocupação exclusiva e constante com a felicidade do próximo. Ricos e pobres, velhos e crianças, homens e mulheres de todos os níveis sociais têm encontrado, no homem e no médium Chico Xavier, tudo quanto necessitam para o reajuste interior, para o crescimento, em função do conhecimento e da bondade. Francisco Cândido Xavier é um presente do Alto aos séculos XX e XXI enriquecendo-lhe os valores com a sua vida de exemplar cidadão, com milhares de mensagens psicográficas que, em catadupas de paz e luz, amor e esclarecimento, vêm fertilizando o solo planetário, sob a luminar supervisão do Espírito Emmanuel.

Bibliografia:

**Kardec, Allan – O Livro dos Espíritos – Das Leis Morais – parte Terceira, cap. III – Da Lei do Trabalho.
Kardec, Allan – O Evangelho segundo o Espiritismo – Cap. III Há muitas moradas na Casa de meu Pai. Item 8.**

Xavier, Francisco Cândido Xavier – Caminho, Verdade e Vida – pelo Espírito Emmanuel – Cap. 4 Trabalho.

Franco, Divaldo Pereira – Leis Morais da Vida– pelo Espírito Joanna de Ângelis – A Benção do trabalho.

Franco, Divaldo pereira - Estudos Espíritas – pelo Espírito Joanna de Ângelis – Trabalho.

Franco, Divaldo pereira - Otimismo – pelo Espírito Joanna de Ângelis – Ociosidade.

Denis, Léon - Depois da morte -Trabalho, sobriedade, continência - Quinta parte, Cap. LII, p. 303.

Calligaris, Rodolfo - As Leis Morais - A Lei de Trabalho; Limite do trabalho; O repouso.

Peralva, Martins – Estudando o Evangelho – Cap. Estudo e Trabalho.

Apostila da Federação Espírita do Paraná – Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – Unidade II Das Leis Morais - subunidade 3 – Da Lei do Trabalho – Necessidade do Trabalho; Limite do Trabalho e do Repouso.

Enciclopédia Larousse Cultural – volumes 7 e 16.